

# A divisão do tempo

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista



**Q**uem dividiu o tempo em parcelas trabalhou com muita inteligência. A cada vencimento de ano, as pessoas renovam esperanças na expectativa de que um novo tempo se inicia. Na verdade, o tempo é contínuo, homens e mulheres caminham irreversivelmente para o fim, coisa difícil de imaginar, perceber e sentir. Melhor não pensar nisso. Ficamos todos mais velhos com o simples andar do relógio. Meia-noite, nova tempo, nova idade e novas expectativas que se baseiam nas realidades anteriores. É melhor ter esperança do que se angustiar com a realidade.

O Brasil de 2026 vai viver dois momentos importantes. O primeiro em junho, a Copa do Mundo de Futebol, que será disputada nos Estados Unidos, México e Canadá. Os brasileiros fizeram um esforço inédito para tentar chegar ao sexto título. Contrataram o campeoníssimo Carlo Ancelotti, italiano, técnico supervisorioso, que, supostamente, trouxe sua vasta experiência para reciclar os brasileiros nos últimos conceitos da escola europeia de futebol. Ninguém sabe se vai dar certo. O mister é várias vezes campeão, mas o esporte tem uma larga faixa de imponderável e de ação do Sobrenatural de Almeida, na definição genial de Nelson Rodrigues. Enfim, será necessário ter engenho, arte e sorte, muita sorte para vencer.

O resultado da Copa do Mundo vai influenciar

Maurenilton Freire



## Subjetividade do racismo

» CELSO PIARELLI,  
artista plástico



**A**o descobrir o racismo, passei a enxergar um mundo que está, mentalmente, desfigurado e "virilizado". Hoje, combatendo e reconheço os racismos individual, institucional e estrutural e agrego, aqui, a natureza viral e econômica do racismo. Chamo de viral por ser o racismo como um vírus que, ao adentrar uma célula, é capaz de víciá-la, reprogramá-la, desfigurá-la e até destruí-la. Da mesma forma atua a pessoa racista que também é capaz de víciar, um balcão de atendimento, uma seção, uma repartição inteira, determinando, assim, como a instituição atenderá seus usuários. Tudo isso, na maioria das vezes, sem a resistência ou o combate dos de-mais integrantes do setor.

Já o racismo de natureza econômica nos leva à economia, a qual, de fato, formatou seu "DNA", sem o qual não existiria o racismo violento e predador que hoje estamos a combater. Um racismo escondido nas subjetividades, possuindo e modificando indivíduos, que mudam repartições, instituições e estruturas sociais. Portanto, é daí que devemos partir para compreender essa outra natureza do racismo e como ela, subjetivamente, foi estruturada. Certamente, vamos chegar à economia e vamos compreender que o processo ainda está em andamento, e vem se estruturando

desde os pequenos avanços tecnológicos alcançados no passado como a roda, o fogo, a alavanca e catapultas de Arquimedes, a espada, o escudo e tantos outros avanços e, alguns deles empregados em batalha.

Assim, todos esses pequenos avanços contribuíram para formação do primeiro gerador de acumulação de riqueza, o espólio de guerra, que mais tarde se transfigurou, por força econômica, na escravidão, a qual, foi fundamental para a economia, quando se inicia a colonização em grande escala, tempo em que as máquinas marítimas começaram a cruzar os mares, culminando, esse processo, na primeira Revolução Industrial lá no século 18. E depois, no pós-escravidão, produziu os proletários/operários e, hoje, na sequência das revoluções industriais começa a costurar e proliferar a nova formatação econômica, o ubertino, enquanto articulam-se os caminhos para a totalidade maquinária, sem proletariado, operários e patrões. Pois são elas, as máquinas, que estão, em verdade, evoluindo todo este tempo, e seus possuidores, por meio delas, vêm aumentando, a cada dia, seu poder de dominação e geração de riqueza.

Subjetivamente, como adendo, convém aqui observar que o abolicionismo tinha como urgência acabar com a escravidão. Assim, o racismo, não combatido à época, banalizou a escravidão e operou como elemento contra abolicionista nos diversos espaços de luta e contestação. Sim, combater a escravidão não foi e não é combater o racismo.

Retornando à economia, podemos inferir, com base na natureza "viral" e econômica, que, em 1888, os escravizados não foram libertados, e sim,

lançados num calabouço invisível, pois não entraram para a sociedade como classe social, como ocorreu com os proletários e os eventuais operários da indústria embrionária brasileira, que formaram a chamada classe social baixa. Ou seja, os ex-escravizados, dos quais 54% de nós, brasileiros, descendemos, ficaram desde 1888 fora dessa categorização, a classe baixa, por uma influência econômica "burra" (aspas para não ofender os burros) e doentia, justificada apenas pela presença do racismo viral presente nas pessoas portadoras, dentro e fora, dos diversos polos de comando como os Poderes Legislativo, Judiciário e Executivo da República em parceria com o privado — a alta burguesia. Leis foram criadas e sancionadas com a intenção de eliminar pessoas negras, como se deu, por exemplo, também na Argentina (1861), com o fim da escravidão.

Assim, com as subjetividades aqui apresentadas, podemos afirmar que pessoas de pele preta precisamos resgatar perdas financeiras, sociais e emocionais advindas da escravidão e do isolamento social ao qual fomos submetidos, em nosso ponto de partida, enquanto pessoas ditas livres. Portanto, precisamos aprender e ensinar nas universidades e, principalmente, precisamos estar nos corações de nossos filhos e também dos nossos amigos brancos. Falo daqueles que permanecem na ignorância acreditando ainda em algum tipo de superioridade racial denominada racismo, essa anomalia "econômico-viral" que precisa ser percebida como instrumento econômico prestes a ser desnecessário, dado o avanço tecnológico que descartará a mão de obra em grande escala em que pretos e brancos, não burgueses, estarão no mesmo calabouço, abaixo da classe social, mantidos como gado.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circe.cunha.dj@abr.com.br



## Venezuela: quando o colapso de um regime ameaça ultrapassar fronteiras

Há momentos na história em que fingir neutralidade deixa de ser prudência e passa a ser irresponsabilidade. A crise venezuelana chegou a esse ponto. O regime de Nicolás Maduro, sustentado pelo autoritarismo, repressão e atividades ilícitas, aproxima-se de um desfecho que, embora esperado, não será simples nem indolor. E o que menos se discute no Brasil é que a queda desse regime não encerrará problemas e pode, ao contrário, empurrá-lo para dentro de nossas fronteiras. A Venezuela não se tornou o que é hoje por acaso. O chamado "socialismo do século 21" não fracassou por erro de cálculo, mas por coerência com sua própria lógica.

Ao longo de anos, o Estado foi desmontado peça por peça: instituições neutralizadas, imprensa calada, Judiciário submetido, economia transformada em instrumento de submissão política. O resultado está à vista: hiperinflação, miséria generalizada, serviços públicos colapsados e um dos maiores êxodos populacionais do nosso tempo. Para se manter de pé, o regime fez escolhas claras. Aliou-se a organizações criminosas, incorporou o narcotráfico a engrenagem do poder e converteu parte das Forças Armadas em atores do submundo. Não é exagero falar em narcosteado. É a constatação de um modelo em que a ilegalidade deixou de ser exceção e passou a ser método de sobrevivência política.

Não se trata de criminalizar o povo venezuelano, que é vítima direta dessa tragédia, mas de reconhecer que estruturas criminosas não migram por razões humanitárias. Elas se deslocam para sobreviver. O país que já convive com facções transnacionais, tráfico de armas, domínio territorial de grupos armados e índices alarmantes de violência, não pode se dar ao luxo da ingenuidade estratégica.

A postura do governo brasileiro, até aqui, beira a negação. Não há debate público consistente sobre reforço de fronteiras, cooperação internacional real, triagem rigorosa de fluxos migratórios ou preparação das forças de segurança para um cenário de pressão externa do crime organizado. O discurso oficial oscila entre o silêncio e um humanitarismo abstrato que ignora riscos concretos. Acolher refugiados e proteger a população não são objetivos incompatíveis.

Paises sérios fazem as duas coisas ao mesmo tempo. O que não fazem é fingir que toda crise externa termina na linha imaginária da fronteira. Quando o Estado se recusa a enxergar o problema, ele apenas transfere o custo para a sociedade, especialmente para os mais pobres, sempre os primeiros a sentir os efeitos da violência.

A queda de Maduro, quando ocorrer, marcará o início de um acerto de contas interno na Venezuela: julgamentos, expurgos, disputas e ajustes inevitáveis. Nesse contexto, a fuga de agentes comprometidos com crimes de Estado será tão previsível quanto perigosa. Ignorar esse cenário não é neutralidade, é omisão. O Brasil precisa recuperar a visão de Estado e abandonar a confortável ilusão de que crises alheias não nos dizem respeito.

A Venezuela foi arruinada por decisões políticas conscientes e erradas. Permitir que os destroços desse projeto autoritário contaminem ainda mais a já frágil segurança brasileira seria um erro histórico, cometido não por ação, mas por covardia política diante da realidade.

Em uma recente entrevista transmitida na virada do ano, Maduro declarou estar disposto a dialogar "seriamente" com os EUA sobre temas como narcotráfico, petróleo e, até, imigração. Algo inédito no tom, embora tenha rejeitado acusações de que a Venezuela seja um narcosteado e culpado o governo colombiano pela maioria das remessas de drogas na região.

Essa postura de nuance ocorre em meio a relatos de aumentos nos preços e dificuldades econômicas da população, que vive "dia a dia" com a intensificação das sanções e a deterioração dos serviços públicos, um quadro que alimenta tanto a insatisfação popular quanto a narrativa de proximidade de uma ruptura política mais profunda.

Fontes jornalísticas e de inteligência indicam que o governo Trump está elaborando planos para diferentes cenários de transição política na Venezuela, inclusive, opções que vão além de simples pressão diplomática ou econômica. Embora uma invasão convencional seja oficialmente negada, há um aumento claro na presença militar estadunidense na região e um discurso mais assertivo sobre a necessidade de mudança em Caracas.

Analistas também têm destacado que a oposição venezuelana e grupos de exilados apoiam medidas cada vez mais duras contra o governo Maduro, inclusive pressionando por ações que possam acelerar sua saída do poder numa situação que aprofunda tensões e polariza, ainda mais, a sociedade venezuelana. Governos aliados tradicionais, que antes lhe davam suporte político e logístico, agora veem sua capacidade de manter o status quo seriamente abalado. A pressão internacional é mais intensa, e o desgaste político doméstico é palpável.

O resultado disso ainda não é certo, um processo de transição negociado, uma crise aberta com mudança abrupta de poder ou até mecanismos complexos que deixem o regime enfraquecido, mas ainda funcional, são todos possíveis. Mas a realidade factual é que o cenário de estabilidade do regime venezuelano está se esvaindo rapidamente, e a comunidade internacional está cada vez mais envolvida na definição do que virá a seguir. Sobre tudo o que virá sobre o Brasil.

## A frase que foi pronunciada

"Por tudo que nós conversamos, a sua narrativa é infinitamente melhor do que a narrativa que eles têm contado contra você."

Lula a Maduro.